**AS MUDANÇAS NOS CONTOS DE FADAS**

Caroline Piccoli

Taináh Ziliotto

Thaís Cauzzi Ramilho

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar se a mudança nos contos de fadas ao longo dos anos ocorreu principalmente devido a necessidade de adaptação frente à mudança de concepção de infância em que a criança deixou de ser considerada adulto em miniatura ou porque começaram a ser escritos e não somente orais. Diante disso, é analisado o conceito de concepção de infância e como ele foi mudando ao longo do tempo, também são mostradas as mudanças que o conto Chapeuzinho Vermelho teve, nas versões de Perrault e dos Irmãos Grimm. Por fim, é abordada a importância dos contos de fada para as crianças, tendo como base o livro Psicanálise dos Contos de Fadas.

**Palavras-Chave:** Conto de fadas. Infância. Chapeuzinho Vermelho.

**1 Introdução**

Os contos de fadas eram relatos orais da cultura de diversos povos, contados de pais para filhos, que foram se espalhando de geração em geração e para entender como essas histórias simples perduram por tanto tempo, precisa-se conhecer a origem delas. As crianças passam por diversas fases na infância, e durante este processo o imaginário é construído constantemente. Através do lúdico, a criança consegue interpretar da sua maneira essas histórias passadas por diversas gerações.

A literatura, ou mais especificamente, os contos de fadas são importantes nesta fase, pois auxiliam na formação do caráter através das lições das narrativas e através disso a alfabetização e o desenvolvimento psíquico da criança vão sendo ampliados, pois a criança utiliza seus conhecimentos prévios para fazer a relação com seu cotidiano e assim utilizar como ensinamento para sua vida.

Este artigo tem o objetivo de analisar se a mudança nos contos de fadas ao longo dos anos ocorreu principalmente devido a necessidade de adaptação frente à mudança de concepção de infância em que a criança deixou de ser considerada adulto em miniatura ou porque começaram a ser escritos e não somente orais. Para alcançar tal objetivo utilizamos pesquisa bibliográfica e escolhemos como teórico de base Vygotsky que, em sua teoria, diz que o desenvolvimento e a maturação da criança são requisitos do aprendizado e não o resultado dele, ou seja, dependendo do nível de desenvolvimento e maturação a criança terá uma melhor base ou não para o aprendizado.

**2 Os contos de fadas e as crianças**

A concepção de infância foi mudando muito conforme o passar do tempo, hoje ela é completamente diferente que a de séculos atrás. O próprio conceito de criança é algo que foi construído com o passar do tempo, por isso é possível perceber as grandes diferenças de séculos atrás até nos dias atuais sobre um mesmo conceito. A criança nem sempre foi vista e tratada como um ser em particular, mas sim como um adulto em miniatura, que se vestia e fazia as coisas que os próprios adultos faziam.

 Assim, a criança que antes era vista como uma pessoa qualquer, sem grandes necessidades ou importância, foi criando gradativamente, através de um processo lento, sua importância na sociedade e, assim, a humanidade foi vendo-a com um olhar diferente e descobrindo suas particularidades que são o que diferencia uma criança de um adulto, como por exemplo, o seu modo de pensar e agir e a sua essência que exigem um olhar mais atencioso.

[...] o sentimento de infância corresponde a duas atitudes contraditórias: uma considera a criança ingênua, inocente e graciosa e é traduzida pela paparicação dos adultos, e a outra surge simultaneamente à primeira, mas se contrapõe à ela, tornando a criança um ser imperfeito e incompleto, que necessita da “moralização” e da educação feita pelo adulto (KRAMER, 2003, p. 18).

 Na Idade Média, o período da infância não era claro, ele se dava no momento em que nasciam os dentes até os sete anos de idade. O termo infância/criança queria dizer "não falante", pois os dentes ainda não estavam bem firmes e as crianças ainda tinham dificuldade em falar. Uma enorme taxa de mortalidade infantil fazia parte dessa época, além de péssimas condições sanitárias, assim os adultos viam a criança como um ser que não podiam se apegar, afinal elas poderiam morrer de uma hora para outra, por outro lado, a taxa de natalidade também era bem elevada, eles concebiam novos filhos a fim de substituir os que já haviam morrido, tudo isso era absorvido de forma fácil, os adultos sabiam que não podiam se prender às suas crianças.

Até o século XVII a sociedade não dava muita atenção às crianças. Devido às más condições sanitárias, a mortalidade infantil alcançava níveis alarmantes, por isso a criança era vista como um ser ao qual não se podia apegar, pois a qualquer momento ela poderia deixar de existir. Muitas não conseguiam ultrapassar a primeira infância. O índice de natalidade também era alto, o que ocasionava uma espécie de substituição das crianças mortas. A perda era vista como algo natural e que não merecia ser lamentada por muito tempo (SOARES, 2009. Disponível em: <http://www.artigonal.com/educacao-infantil-artigos/concepcao-de-infancia-e-educacao-infantil-1080579.html> Acesso em: 24 de setembro de 2015).

 Desse modo, assim que a criança conseguisse exercer algum tipo de atividade, esta já era inserida no mundo do trabalho, não existindo a preocupação com sua formação individual e social. Somente a partir do século XVII, as crianças filhas de burgueses, passaram a se vestir com vestimentas adequadas a sua faixa etária e o lado afetivo começou a existir, como consequência disso, começou-se a valorizar a educação. As crianças separam-se dos adultos e foram colocadas em escolas até que estivessem prontas para serem adultos de fato e para conviver em sociedade, nesta fase, a Igreja se encarregou de formar a moral da criança.

[...] nesse período começa a existir uma preocupação em conhecer a mentalidade das crianças a fim de adaptar os métodos de educação a elas, facilitando o processo de aprendizagem. Surge uma ênfase na imagem da criança como um anjo, “testemunho da inocência batismal” e, por isso, próximo de Cristo (LOUREIRO, 2005, p. 36).

Hoje, a criança é respeitada e vista como um ser particular que tem sua individualidade e suas necessidades sejam elas físicas, emocionais ou cognitivas. Ela tem importância desde sua concepção ainda quando está no ventre de sua mãe, depois em seu nascimento, no seu período de adaptação à vida escolar, até finalmente chegar à vida adulta.

Os contos que antes eram apenas contados para as crianças de maneira informal, sofrendo alterações a cada repetição da história, futuramente passaram a ser escritos na intenção de tê-los registrados e amenizar o ato punitivo que os contos anteriores causavam, o objetivo foi estabelecer apenas uma história para cada conto, passou a conter finais felizes, trazendo consigo lições de moral e fantasia em seu enredo.

 Porém, mesmo com esse objetivo de criar somente uma história para cada conto, as variações continuaram acontecendo, pois a criança deixa de ser tábula rasa, e começa a trazer seus conhecimentos prévios para seu cotidiano, além disso, os contos precisavam acompanhar as mudanças e os ideais de cada época, como veremos no capítulo II.

 O principal marco para um novo conceito de infância, que se deu de forma lenta, foi a institucionalização da escola. Atualmente, as crianças tem contato com escolas e creches desde muito cedo, até mesmo nos seus primeiros meses de vida, dessa forma, o contato que elas têm com os adultos é muito menor do que a séculos atrás, ele se restringe, nessa fase escolar, as educadoras que os cuidam e auxiliam em seu desenvolvimento.

 Devido a vida corrida dos pais, em que nos dias atuais a mulher trabalha tanto quanto ou mais do que os homens, a noção de preservação de infância pode estar se modificando, a criança desde muito cedo precisa aprender a se virar sozinha, fazer suas tarefas escolares, enfim, ter sua autonomia, tudo isso para ajudar os seus pais a administrarem o pouco tempo que os resta em sua rotina diária de trabalho e casa.

 Podemos também relacionar o conceito de infância com a mídia. Até os anos 60, a mídia preservava a inocência infantil, posteriormente, essa inocência foi substituída por modelos infantis cada vez mais jovens e em produtos com apelo sexual. Também graças a uma medicina mais eficaz e uma melhor qualidade de vida, o crescimento das crianças e também sua consciência de mundo se dá de forma mais rápida. Com a internet cada vez mais presente em suas vidas, seus pais não podem ter o mesmo controle sobre elas como faziam antigamente. Assim, podemos perceber claramente, como a concepção de infância foi mudando de forma muito significativa com o passar do tempo.

**3 Mudanças no conto *A Chapeuzinho Vermelho***

A versão de Perrault para o conto *A Chapeuzinho Vermelho* é simplesmente a escrita dos contos orais, sem preocupação com a infância, somente faz a adaptação do material folclórico e ameniza a violência presente na história original. Já na versão dos irmãos Grimm, o conto aparece de uma forma mais leve, pois utiliza um vocabulário adequado ao se referir a uma criança e apresenta a figura do caçador para salvar a Chapeuzinho e a vovó do lobo, influenciados pelo ideal cristão da época.

No início do conto, podemos perceber bem as diferenças na forma como as palavras são utilizadas, e como as frases são mais diretas, sem muita fantasia, na versão de Perrault, (apud RAMOS, 2010, p. 86, 87) no século XVII:

Certo dia, a mãe de uma menina mandou que ela levasse um pouco de pão e leite para a sua avó. Quando a menina ia caminhando pela floresta, um lobo aproximou-se e perguntou-se para onde se dirigia.

 É possível perceber que Perrault não se preocupava com a linguagem, diferentemente dos irmãos Grimm, na versão publicada em 2015, que além de usarem a imaginação, utilizavam palavras que amenizassem os fatos impactantes:

Era uma vez, uma menina tão doce e meiga que todos gostavam dela. A avó, então, a adorava, e não sabia mais que presente dar a criança para agradá-la. Um dia ela presenteou-a com um chapeuzinho de veludo vermelho.
O chapeuzinho agradou tanto a menina e ficou tão bem nela, que ela queria ficar com ele o tempo todo. Por causa disso, ficou conhecida como Chapeuzinho Vermelho. Chapeuzinho prometeu que obedeceria a sua mãe e pegando a cesta com o bolo e o vinho, despediu-se e partiu.
Sua avó morava no meio da floresta, distante uma hora e meia da vila.
Logo que Chapeuzinho entrou na floresta, um Lobo apareceu na sua frente.
Como ela não o conhecia nem sabia que ele era um ser perverso, não sentiu medo algum. (GRIMM, 2015)

No decorrer da história, estas diferenças continuam aparecendo, e em cada versão há muitas semelhanças, como o fato do lobo ter devorado a avó da Chapeuzinho, porém o modo como é retratado muda muito de uma história para outra.

Então o lobo seguiu o caminho dos alfinetes e chegou primeiro à casa. Matou a avó, despejou seu sangue numa garrafa e cortou sua carne em fatias, colocando tudo numa travessa. Depois, vestiu sua roupa de dormir e ficou deitado na cama, à espera. (apud RAMOS, 2010, p. 86, 87)

 Para reproduzir esta parte, os irmãos Grimm utilizaram alguns métodos para não parecer que o conto fosse violento, porém o sentido e a essência não mudaram.

Enquanto isso, o Lobo correu à casa da avó de Chapeuzinho e bateu na porta.

- Quem está aí? - perguntou a velhinha.

- Sou eu, Chapeuzinho - falou o Lobo disfarçando a voz - Vim trazer um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho. Abra a porta para mim.
- Levante a tranca, ela está aberta. Não posso me levantar, pois estou muito fraca. - respondeu a vovó.

O Lobo entrou na casa e foi direto à cama da vovó, e a engoliu antes que ela pudesse vê-lo. Então ele vestiu suas roupas, colocou sua touca na cabeça, fechou as cortinas da cama, deitou-se e ficou esperando Chapeuzinho Vermelho. (GRIMM, 2015)

Já no final da história, as diferenças são bem mais gritantes, pois a versão de Perrault (apud RAMOS, 2010, p. 86, 87) termina sem um final feliz, e sem uma moral explicita:

- Ah vovó! Que dentes grandes você tem!

- É para comer melhor você, querida.

E ele a devorou.

Porém na versão dos irmãos Grimm, aparece um personagem a mais que muda o contexto e o fechamento da história, dando maior importância ao impacto que essa história poderia causar nas crianças que a lessem.

- Mas vovó, que boca medonha tens!

- É para melhor te devorar.

Dizendo isso, o lobo pulou da cama e engoliu a pobre Chapeuzinho Vermelho.

Tendo assim satisfeito o apetite, voltou para a cama, ferrou no sono e começou a roncar sonoramente. Justamente, nesse momento, ia passando em frente à casa o caçador, que ouvindo aquele ronco, pensou:

"Como ronca a velha Senhora! É melhor dar uma olhadela a ver se está se sentindo mal."

Entrou no quarto e aproximou-se da cama; ao ver o lobo, disse:

- Eis-te aqui, velho impenitente! Há muito tempo, venho-te procurando!

Quis dar-lhe um tiro, mas lembrou-se de que o lobo poderia ter comido a avó e que talvez ainda fosse possível salvá-la; então pegou uma tesoura e pôs-se a cortar- lhe a barriga, cuidadosamente, enquanto ele dormia. Após o segundo corte, viu brilhar o chapeuzinho vermelho e, após mais outros cortes, a menina pulou para fora, gritando:

- Ai que medo eu tive! Como estava escuro na barriga do lobo!

Em seguida, saiu também a vovó, ainda com vida, embora respirando com dificuldade. E Chapeuzinho Vermelho correu a buscar grandes pedras e com elas encheram a barriga do lobo. Quando este acordou e tentou fugir, as pedras pesavam tanto que deu um trambolhão e morreu.

Os três alegraram-se, imensamente, com isso. (GRIMM, 2015)

Com o passar dos anos este conto sofreu diversas adaptações por diferentes autores, onde cada um reescreveu a história conforme o ideal da época e suas concepções, por exemplo, O Conto da Vovozinha (1885), O Lobo e a Criança (1886), O Lobo Bobo (1960), Os Mistérios de Feiurinha (1986), Chapeuzinho Amarelo (1979), Chapeuzinho de Palha (1987), entre outros.

**4 A importância dos Contos de Fadas para as crianças**

A utilização do “Era uma vez, numa terra distante, há muitos anos atrás...” nos remete à ideia de que os contos de fadas não fazem parte da nossa realidade, nos levando a criar um contexto imaginário e ilusório. Eles apresentam-se na vida das crianças por meio da literatura infantil, incentivada pelos pais e professores, também é através deles que as crianças constroem e reconstroem os significados das histórias, marcando para alguns a infância ao identificarem-se com determinados contos, fantasiando e brincando com situações imaginárias, o famoso “faz de conta”.

No livro *Psicanálise dos contos de fadas, o* escritor Bettelheim mostra através da psicanálise dos contos é possível trabalhar diversos aspectos relacionados às histórias, incluindo alguns de seus significados e o fornecimento de pistas para a resolução de certas dificuldades que as crianças possam vir a ter durante suas vidas.

Bruno Bettelheim é um psicólogo infantil que dedica seu tempo para fazer estudos, em seu livro *A psicanálise dos contos de fadas* ele diz que

As estórias de fadas não pretendem descrever o mundo tal como é, nem aconselham o que alguém deve fazer [...] O conto de fadas é terapêutico porque o paciente encontra sua *própria* solução através da contemplação do que a estória parece implicar cerca de seus conflitos internos neste momento da vida. O conteúdo do conto escolhido usualmente não tem nada a ver com a vida exterior do paciente, mas muito a ver com seus problemas interiores, que parecem incompreensíveis e daí insolúveis. O conto de fadas claramente não se refere ao mundo exterior, embora possa começar de forma bastante realista a ter entrelaçados os traços do cotidiano. (BETTELHEIM, 1990, p. 24)

A psicanálise dos contos de fadas mostra razões, motivos e significados inconscientes do emocional e psicológico que estão contidos nos contos. Com a psicanálise, é possível trabalhar com diversos assuntos que estão presentes nos contos de fadas para resolver situações que as crianças enfrentam diariamente seja no ambiente familiar, ou no ambiente escolar, auxiliando na busca por respostas aos comportamentos e mostrando a visão infantil a cerca de determinados assuntos.

Um conto que aparentemente está cercado de imaginação, ou uma história que não é real, onde o maravilhoso predomina, pode estar de modo disfarçado, passando para a criança mensagens importantes para sua vida, como nunca desistir perante os obstáculos por mais que pareçam difíceis no início. Com relação aos personagens nos contos de fadas e também nas fábulas se nota características singulares nas crianças imaturas e maduras através da forma que demostram a capacidade de controle de suas emoções ou ser racional.

Um conto de fadas procede de uma maneira consoante ao caminho pelo qual uma criança pensa e experimenta o mundo; por esta razão os contos de fadas são convincentes para ela. Ela pode obter um consolo muito maior de um conto de fadas do que de um esforço para consolá-la baseado em raciocínio e pontos de vista adultos. Uma Criança confia no que o conto de fadas diz porque a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a sua. (BETTELHEIM, 1990, p. 59)

Os contos de fadas tem a intenção de proporcionar as crianças o desejo de sonhar, porém alguns pais impedem o desenvolvimento deste imaginário por não acreditar em seus benefícios, bloqueando o ensinamento contido em cada conto. Estes se fazem importantes para as crianças ao mostrar conflitos ocultos, ajudando na demonstração de sentimentos infantis, cooperando na formação de suas identidades, refletindo suas preocupações internas, sua percepção de mundo, crescimento de sua personalidade e consequentemente a maturidade.

Quando todos os pensamentos mágicos da criança estão personificados num bom conto de fadas [...] então a criança pode finalmente começar a ordenar essas tendências contraditórias. Isso começado, a criança ficará cada vez menos engolfada pelo caos não manejável. (BETTELHEIM, 1990, p. 82)

Na fase da infância, é característico em sua essência ações de agressividade e egoísmo, por esta razão não se deve privar os contos originais que incluem violência e estranhezas, por vezes em excesso, escondendo a realidade existente e apresentando apenas os contos de fadas irreais. No conto modificado da Chapeuzinho Vermelho é visível a inocência da pequena menina ao visitar a sua avó pelo bosque e o Lobo com sua personalidade frustrada a mal estruturada que acaba engolindo a menina que para alegria da crianças é retirada da barriga do Lobo, ensinando a criança a obedecer seus pais e ser cuidadosa não seguindo por caminhos que podem ser perigosos. Já no conto original da chapeuzinho, o vermelho simboliza o perigo, as emoções violentas e sexuais, as quais ela não está madura o suficiente, e o animal feroz é a projeção do medo e da culpa da criança, “Os contos de fadas oferecem figuras nas quais a criança pode externalizar o que se passa na sua mente, de modo controlável”. (BETTELHEIM, 1990, p. 82)

**Conclusão**

Este projeto tem como hipóteses averiguar se os contos de fadas mudaram ao longo dos anos, por uma necessidade de adaptação em relação às mudanças na concepção de infância, ou simplesmente pelo fato de que começaram a ser escritos e não somente orais. Através de uma pesquisa bibliográfica, realizada em livros, sites e artigos podemos observar que os contos de fadas foram e são de suma importância, pois causam efeitos surpreendentes nas crianças, principalmente por estarem na fase de formação do seu caráter, o que influencia no desenvolvimento da linguagem, da área afetiva e cognitiva.

Um dos motivos dos contos de fadas terem inúmeras versões é porque a concepção de infância era bem diferente da que conhecemos hoje, onde a ideia do adulto em miniatura perdurou por longos anos, e acreditava-se que o papel da criança era se desenvolver como adulto desde muito cedo exercendo tarefas inadequadas a tal faixa etária, mas com o tempo a criança deixou os afazeres de adultos de lado e passou a viver a infância como a fase inicial de sua vida e não preparatória.

Além disso, com a modernização das sociedades e de suas culturas, os contos de fadas também evoluíram, ou seja, eles deixaram de ser relatos passados de geração em geração para serem escritos. Porém toda vez que algum conto era escrito, havia mudanças na sua composição devido a influência cultural da época, principalmente quando houve a interferência da igreja que passou a assumir a formação moral e a aprendizagem da criança na intenção de desfazer a imagem de fruto do pecado e guia-la para o bom caminho.

Durante a pesquisa, houve a descoberta do livro *A psicanálise dos contos de fadas,* de Bruno Bettelheim, que é um psicólogo infantil que dedica sua vida aos estudos direcionados as crianças. Neste livro ele apresenta que os contos de fadas tem grande importância, pois a criança tem necessidade de sentir-se parte de um contexto mágico presente nestes contos, e isso facilita para que ela utilize as lições em sua realidade e auxilia na superação dos conflitos pessoais, ajudando assim a encontrar estratégias para seu amadurecimento.

Conclui-se que há veracidade nas hipóteses apresentadas no projeto, pois ao mesmo tempo em que os contos deixaram de ser falados para serem registrados, a criança também deixou de ser vista como um adulto em miniatura e começou a ganhar seu espaço na sociedade. Ou seja, os contos de fadas mudaram sim ao longo dos anos devido à mudança na concepção de infância e também porque deixaram de ser somente orais.

**Referências**

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

A PSICANÁLISE dos contos de fadas, Bruno Bettelheim. Realização de Mell Ferraz. Jundiaí, 2014. (21 min.), son., color.

ALVES, Maysa Vani. **Chapeuzinho Vermelho no mundo da tradução**: as encruzilhadas da menina que traduz e adapta. Monografia (Licenciatura em Letras- Português). 35p. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2012.

Disponível em: [www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=54615](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=54615) Acessado em: 10/09/2015.

CINTRA, Sandra Regina R. **A construção do imaginário infantil.** Local de publicação: editora, 2011.

Disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=2027> Acessado em 06/10/2015.

RAMOS, Flávia Brochetto. **Literatura Infantil: de ponto a ponto**. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

SOARES, Angela da Silva. **Concepção de infância e educação infantil.** 2009. Disponí­vel em: <<http://www.artigonal.com/educacao-infantil-artigos/concepcao-de-infancia-e-educacao-infantil-1080579.html>>. Acesso em: 24/09/2015.

SILVA, Eduardo Rodrigues da. **A Criança, a Infância e a História. História e-história,** 2011. Disponí­vel em: <<http://historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=368>>. Acesso em: 24/09/2015.

GRIMM, Jacob e Wilhelm. Chapeuzinho Vermelho, 2015. Disponível em: <<http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/capuchinho_vermelho>> Acesso em: 26/11/2015.